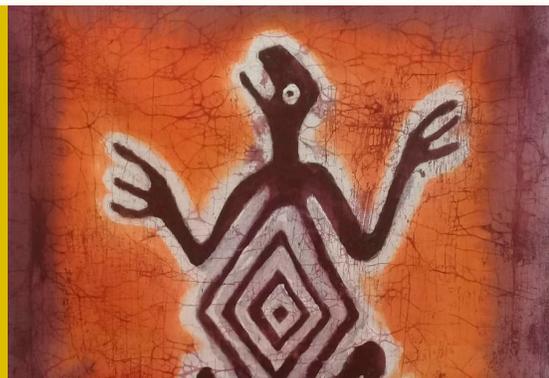


RALED

VOL. 20(1) 2020



RESEÑA

MARTINS FERREIRA, D. M. (org.). 2017
Estudos críticos da linguagem

214 pp. Curitiba: Appris
ISBN: 978-85-473-0808-7

KÁRIN GISELLE FERREIRA VENTURA

Universidade de Brasília
Brasil

Recibida: 24 de fevereiro de 2020 | Aceptada: 31 de março de 2020

O livro *Estudos críticos da linguagem*, organizado por Dina Maria Martins Ferreira e prefaciado por Kanavillil Rajagopalan, apresenta uma coletânea de artigos, escritos, em sua maioria, por pesquisadores/as da linha de pesquisa Estudos Críticos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (Uece). É dividido em três partes, com quatro capítulos cada uma, de acordo com as seguintes temáticas *Perspectivas de linguagem*; *Mídias e gênero*; e *Gêneros discursivos*.

A primeira parte – *Perspectivas de linguagem* – é iniciada pelo capítulo *Realidade Linguística na Linguística Aplicada Indisciplinar: nova concepção*, de Expedito Eloísio Ximenes e Ticiane Rodrigues Nunes. Neste capítulo, os autores propõem uma concepção de realidade linguística pelos campos lexicais (amparada em Coseriu), estabelecendo uma relação com a linguística aplicada indisciplinar. O objetivo, segundo eles, é construir “uma concepção de realidade linguística que contemple as tensões sociais linguísticas contemporâneas” (p. 22). Isso porque, de acordo com a fala de Moita Lopes usada pelos autores, a linguística aplicada indisciplinar “busca com as análises dos enunciados fornecer uma resposta à sociedade” (p. 27). O texto percorre, ainda, os estudos de autores como Bakhtin, Benveniste, Faraco, Moita Lopes, e Blommaert e Rampton para estabelecer conexões com o contexto contemporâneo.

No próximo capítulo, intitulado *Agência na linguagem: do diferente ao semelhante*, a autora Dina Maria Martins Ferreira – utilizando os conceitos de sujeito, ator, agente e protagonista da e na linguagem – promove um cruzamento entre Ciências Sociais e Estudos da Linguagem para demonstrar que não há como separar a linguagem do social. Segundo a autora, “o sujeito individual chega a sujeito social, do sujeito social chega a ator (...) e por tal função age, cuja agência permite que adquira a propriedade de agente” (p. 46). E, para aplicar essa rede de conceitos, Ferreira apresenta dois exemplos. O primeiro trata de uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* na qual jornalista e entrevistado – ambos homens – abordam a temática da ampliação da participação da mulher na ciência. O outro exemplo é o da artista Karina Bühr; protagonista-agente-atora, nas palavras de Ferreira, de um manifesto feminista quando do lançamento de seu álbum *Selvática* (2015), “um manifesto contra o falocrático e a favor do ser-mulher” (p. 45).

O terceiro capítulo é *Por uma pragmática menor: tensões entre linguagem, corpo e política*, de Jony Kellson de Castro Silva. Por pragmática menor, o autor entende ser uma “pragmática enquanto política da língua, que leva em conta o estar-fora em relação à língua; fazendo, então, com que haja variação contínua da língua e criação de forma de vida” (p. 53). O ponto de partida das reflexões do autor se encontra na filosofia pós-estruturalista e/ou da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, em especial na obra *Mil platôs*. Ancorado nesses filósofos, Silva busca pensar o caráter político da relação entre pragmática política e língua, articulando conceitos de palavras de ordem; Corpo sem Órgãos (corpo em face da disciplinarização do organismo); máquina de guerra como uma gramática de revide.

A primeira parte é encerrada pelo capítulo *Entextualizações em Menos que nada: textos que viajam na obra de Slavoj Žižek*, de Claudiana Nogueira de Alencar e Maria de Fátima Medina Lucena. Nele, as autoras fazem referência à obra *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*, do filósofo esloveno Slavoj Žižek, para mostrar que a prática discursiva, a produção e a circulação de textos contribuem para entender a fluidez nos processos de atribuição e interpretação de sentidos. Isso porque a obra de Žižek é elaborada em meio a um processo de descontextualização de outros textos, ou a entextualização.

A segunda parte, *Mídias e gêneros*, começa com o capítulo *Corpo tecnorgânico na cibercultura: efeitos sobre sexo e gênero*, de Tibério Caminha. O autor se apoia em Judith Butler para discutir estudos de gênero, corpo e sexualidade, e argumenta que as novas tecnologias criam ambiente e condições necessárias para que novos sujeitos sejam remodelados física e mentalmente. Para ele, vivemos um momento histórico de “pós-humanismo”, no qual as tecnologias contemporâneas nos colocam em uma situação de redefinir o que é ser humano e de questionar o binarismo de sexo/gênero.

Em *Feminino no funk midiático*, Marcos Alberto Xavier Barros propõe uma discussão sobre noção de gênero, em especial os papéis sociais do feminino (mulher), também ancorado nos estudos de Judith Butler. Ele aborda, ainda, a noção de performatividade e a relação dos atos de fala com os atos de corpo. Barros procura ver a linguagem como um constituinte do gênero, “pois a nomeação, a categorização e a designação são prerrogativas dos discurso-linguagem” (p. 102); ao mesmo tempo em que propõe que devemos considerar gênero como uma categoria da ordem do político. É a partir daí que o autor traz a noção de performatividade, de forma a contestar o “ser” gênero, e a relação dos atos de fala com os atos de corpo. Por fim, Barros usa o funk midiático – aquele que tem apelo midiático e circula nas redes – para propor uma análise com base nos conceitos apresentados por ele neste capítulo.

O terceiro capítulo da segunda parte é *Habitus linguístico na rede social: diálogo multimodal – série Stranger Things*, de Fábio Nunes Assunção. Nele, o autor dialoga com multimodalidade para mostrar a teoria do *habitus* linguístico – que é baseada na noção de *habitus* de Bourdieu. O *corpus* de Assunção é constituído por comentários de usuários da rede social *TVShow Time* referentes à primeira temporada da série estadunidense *Stranger Things*, e a análise busca identificar o *habitus* linguístico desses usuários, ou seja, como os sujeitos se incorporam ao social por meio das interações multimodais.

Já em *Signo ideológico no discurso publicitário*, Jamile Maranhão de Sousa utiliza os conceitos de ideologia e signo ideológico propostos por Mikhail Bakhtin e Beth Brait para analisar o discurso de um anúncio publicitário de uma marca de cerveja. Nele, uma mulher negra é representada altamente sexualizada, de forma a enaltecer as qualidades da cerveja que se pretende vender. Sousa mostra como o discurso publicitário reforça o preconceito contra as mulheres negras, e aponta que o “signo ideológico mulher é reduzido à condição de corpo coisificado, objetificado e sexualizado” (p. 143), apto a ser consumido, tal qual a cerveja.

A terceira e última parte do livro, *Gêneros discursivos*, tem início com o capítulo *Embate de vozes em entrevista política do Jornal Nacional: (des-)legitimação do discurso de outrem*, de Soraia Alves Barbosa. Nele, a autora analisa a entrevista concedida pela então candidata à reeleição Dilma Rousseff ao *Jornal Nacional* em 2014, focando nas polêmicas discursivas *aberta* e *velada*, e nos sentidos produzidos por esses recursos. Por polêmica *aberta* a autora entende ser o “afrontamento de duas vozes que polemizam abertamente entre si” (p. 154), com defesa de ideias contrárias entre elas; e *velada* como a “orientação do discurso do autor para o seu objeto” (p. 154) de forma a atacar o discurso do outro. Como arcabouço teórico, Barbosa utiliza a visão estruturalista de Saussure; a Análise de Discurso Crítica, via Fairclough e Foucault; e o dialogismo na/da linguagem do Círculo de Bakhtin.

Em *Estilização da identidade feminina em ‘relatos de vida’*, Dulce Valente Pereira busca compreender como os sentidos linguístico-discursivos da identidade feminina são construídos no discurso autobiográfico do tipo relatos de vida, utilizando, em sua análise, as categorias “feminilidade” e

“feminilidade” (propostas por Martins Ferreira, 2009). Pereira busca, ainda, identificar se há reiteração nos estereótipos históricos de gênero, aqueles construídos pela ‘ordem social masculina’ e heteronormativa.

Em *Estética e perspectiva ético-cognitiva no poema ‘dna’ de Arnaldo Antunes*, João Batista Costa Gonçalves e Marcos Roberto dos Santos Amaral tecem uma longa análise sobre os postulados da Estética Geral e Sistemática de Mikhail Bakhtin, sobretudo o discurso como artefato e objeto estético; as relações entre o ato cognitivo, estético e ético; e a especificidade humana de dar sentido ao mundo, a partir de duas posições axiológicas. Para isso, os autores analisam o poema *dna*, de Arnaldo Antunes, composto verbo-visualmente por uma imagem.

Por fim, o capítulo *Para a escrita científica: crítica a orientações hegemônicas*, de Maria Vanessa Batista Lima Pinheiro e Gustavo Cândido Pinheiro. Nele os autores fazem uma reflexão sobre o fazer acadêmico, dando enfoque à escrita científica para compreender estratégias retóricas e refletir sobre possíveis ideologias na área. Assim, eles propõem uma análise do manual *Guia prático para redação científica*, de Gilson Volpato, à luz dos ensinamentos de Bazerman, Rajagopalan e Fiorin.

Em síntese, o livro *Estudos críticos da linguagem* é uma coletânea de artigos de professores/as e pesquisadores/as do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Ele apresenta uma produtiva discussão sobre aspectos da abordagem crítica em estudos da linguagem e é enriquecido com análises apoiadas nas teorias discutidas. Assim, é proveitoso tanto para pesquisadores/as iniciados/as quanto para os/as iniciantes.

Referências bibliográficas

MARTINS FERREIRA, D. M. 2009. *Discurso feminino e identidade social*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

VOLPATO, G. 2015. *Guia prático para redação científica*. Botucatu/São Paulo: Best Writing.

KÁRIN GISELLE FERREIRA VENTURA. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (linha de pesquisa Linguagem e Sociedade) da Universidade de Brasília (UnB), especialista em Gestão Universitária (UnB) e bacharela em Letras - Língua Portuguesa (UnB). É, também, revisora de textos na Secretaria de Comunicação da UnB.

Correo electrónico: karinventura@gmail.com